

# LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

## ROMANCE

### «O ANJO ANCORADO»

de José Cardoso Pires

A trajectória de José Cardoso Pires foi rápida e em linha recta. O neo-realismo atravessou uma situação de crise (se quisermos não tomar o termo no sentido depreciativo), libertou-se de uma geometria rígida herdada das pretensões científicas do Naturalismo e condicionada por uma posição colectiva, nobre, corajosa, mesmo respeitável, mas pouco válida no plano puramente literário. O neo-realismo dissolveu-se, atomizou-se, quebrou o caixilho e tomou novos sentidos. Os neo-realistas libertaram-se do compromisso perigosamente solene de o serem e deste modo passaram a sê-lo com mais pureza, individualidade e independência. Não queremos acusar os neo-realistas de terem constituído um partido literário com «leader», assembleia geral, carimbo e disciplina! Simplesmente julgamos que entre nós se recebeu e entendeu o neo-realismo com alvoroço e até com um inquietante misticismo, atitude depois revista e condenada.

José Cardoso Pires, que nos deu já as vigorosas e tensas páginas de «Os Caminheiros», surge-nos agora com «O anjo ancorado», romance que é, pelo título, pela estrutura, pelo significado, pela técnica, pela atmosfera, uma libertação dos moldes tradicionais de um neo-realismo rígido ou talvez melhor, de um pré-neo-realismo, em que se descreve fundamentalmente o comportamento exterior do



José Cardoso Pires

homem e se equaciona o homem social. José Cardoso Pires, na linha de reacção ou evolução neo-realista dá-nos o homem total, num equilíbrio sábio do interior-exterior, longe já dos excessos bárbaros. Situamo-lo a anos-luz do espiritualismo antinaturalista e antipositivista e até afastado do próprio neo-realismo inicial que, redescobrimo o corpo humano, o mutilou e esquematizou. O anjo ancorado é a narrativa de uma história «passada por dentro». O seu próprio ritmo, as suas linhas

quebradas, os seus intervalos, os seus «vazios» dão-nos a ideia da corrente de consciência. É uma história sensorial, em que a realidade exterior nos é traduzida e coada pela sensibilidade dos personagens. É uma intriga interior. O homem é fundamental e o Mundo acidental e subsidiário. O Mundo é pano de fundo, cenário, iluminado somente pelo clima psicológico das situações.

«O anjo ancorado» é uma história que parece escorrer e «se conter a si própria». Podemos citar autores que nos foram sugeridos pela leitura destas páginas. Hemingway, por exemplo, ou mesmo Camus. Mas isto não explica esta obra, aparentemente fluida, lassa e translúcida, mas, na verdade com uma arquitectura interna quase clássica na sua pureza, equilíbrio e solidez. Também o tédio, o desinteresse e um pessimismo, surdos e baços, encobrem paixão, força e uma atitude. Este dia de praia, com um sol redondo a arder no alto, está cheio de angústia e de pontos de referência a acusarem razões. O homem da «geração de 45», a rapariga da «segunda geração» encontram-se no desencontro, ou melhor, avistam-se porque seguem em linhas paralelas, coabitando na mesma derrota que não se anuncia definitiva.

Há também o grande «peixe fabuloso» assassinado no seu reino silencioso e líquido, e o pássaro salvo é finalmente morto, ambos destruídos sem uma razão segura e séria. José Cardoso Pires, que parece ter uma desconfiança toda norte-americana pelo intelectualismo e o «calão» universitário, toma uma posição irónica ou satírica na descrição da sua burguesinha esclarecida á pressa e em pouca profundidade que é uma figura curiosa mas incompleta para símbolo da «segunda geração». Incompleta e injustamente tratada, dado que a «geração 45» se sente culpada por ela. O homem e a rapariga chocam ou convivem, sóbretudo habitam lado a lado o mesmo dia do sol baço, avançando nas duas linhas paralelas que ultrapassam o livro parecem sê-lo sem solução e autêntico encontro.

José Cardoso Pires tem um estilo substantivo mas cheio de cor e de sugestões poéticas. É simultaneamente ágil e grave, incisivo e calmo, áspero e solene. O seu estilo traduz o sensorial e o psicológico plenamente. A construção da intriga obedece a um paralelismo e a uma confluência notáveis.

José Cardoso Pires não é explicável por um simples rótulo de escola literária. Libertando-se de limitações, quebrando divisórias, passando fronteiras, José Cardoso Pires cresce, autonomiza-se e individualiza-se. «O anjo ancorado» dá-nos dessa libertação prova concreta. José Cardoso Pires criou um universo próprio.

Capa de António Sena da Silva e Sebastião Rodrigues. Coleção Sucessos Literários. Editora Ulisseia.